

O projeto gráfico como ferramenta de destaque para a obra de Machado de Assis: possibilidade para a promoção da bibliodiversidade¹

Larissa Taís FERREIRA²

Marília de Araujo BARCELLOS³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Este artigo analisa como o desenvolvimento do projeto gráfico de um livro, neste caso o livro-objeto “Machado Místico”, com dois contos de Machado de Assis, pode ser um elemento promotor da bibliodiversidade. Entende-se a bibliodiversidade como as ações que incentivam uma maior pluralidade dentro do campo editorial e que o aspecto gráfico e material do livro pode ser um agente deste conceito. Este texto objetiva entender como essa obra se distingue dos livros disponíveis no mercado e como ela pode ser uma proposta diferenciada em sua materialidade, ao chamar a atenção de possíveis leitores com seu aspecto gráfico.

PALAVRAS-CHAVE: mercado editorial; editoração; projeto gráfico; incentivo à leitura; bibliodiversidade.

INTRODUÇÃO

Machado de Assis ocupa lugar de relevância na literatura brasileira e encontra-se no cabedal de obras reconhecidas pelo cânone literário. De acordo com a Lei de Direitos Autorais (n.º 9.610/98), a obra deste autor está em Domínio Público. Portanto, seus textos estão disponíveis para uso, reedição e republicação livre, desde que os devidos créditos de autoria sejam atribuídos. Essa disponibilidade é especialmente vantajosa para editoras, pois permite economia de recursos financeiros na obtenção das obras para compor seus catálogos.

Assim, a extensa obra de Machado de Assis se encontra fazendo parte do campo e do mercado editorial. Onde, presente no catálogo de diversas editoras, pode ser editada por cada uma delas de maneiras distintas, de acordo com sua linha editorial e os

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e graduada em Comunicação Social - Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista do Programa de Fortalecimento e Redução de Assimetrias da Pós-Graduação da UFSM, e-mail: larissa.ferreira@acad.ufsm.br.

³ Professora Associada do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e pesquisadora Pós-doutoramento na Escola de Comunicação, Artes e Design/ Famedos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), email: mariliabarcellos@gmail.com.

recursos que têm à disposição dentro da cadeia de produção. Esses processos fazem parte de um ecossistema do livro, que objetiva-se que seja saudável e benéfico para todos, visto que, como argumenta a Aliança Internacional dos Editores Independentes, o livro é um objeto que constrói saberes e desenvolve o espírito crítico, “ele não é uma simples mercadoria” (2014, p. 5). Neste caso, especialmente considerando a importância de Machado de Assis, é positivo para a sociedade que seus textos encontrem o público e continuem sendo lidos. Para isso, é interessante pensar em práticas que permitam que a obra do autor circule e alcance o maior número de leitores – não somente por um interesse comercial, mas também educativo e formativo. Dessa forma, propõem-se uma série de ações para promover essa literatura e, por conseguinte, a bibliodiversidade.

Diante disso, propõe-se o “Machado Místico”⁴, projeto desenvolvido como Trabalho de Conclusão do curso de Comunicação Social - Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria. O trabalho refere-se a um livro-objeto que retrata os contos “A Cartomante” e “O Oráculo”, de autoria de Machado de Assis, buscando explorar o potencial gráfico e material do formato escolhido – trazendo elementos manuseáveis, táteis e interativos, linearidades irregulares e materialidades diversas. O objetivo da produção é apresentar a obra do autor de uma maneira mais irreverente, distinta de como normalmente é publicada no mercado tradicional.

Metodologicamente, a escolha pelos textos se deve pelo entendimento da importância do autor para a literatura brasileira. Uma vez selecionado o autor, deu-se a pesquisa nas obras publicadas no mercado e a curadoria dos contos. Optou-se pela versão do site *Wikisource*⁵, do qual foi mantida a ortografia original do texto. O projeto baseou-se em um aporte teórico que abordava o livro e o livro-objeto, o design editorial e sua relação com a materialidade. A reflexão acerca da bibliodiversidade foi naturalmente gerada ao longo da análise, uma vez que é um conceito importante que atende à saúde do sistema editorial como um todo.

Neste artigo, portanto, objetiva-se pensar como uma obra cujo conteúdo aborda este importante escritor brasileiro pode, com uma proposta atrativa de manufatura, contribuir com a bibliodiversidade à medida que amplia o número de leitores a partir da sua composição estética e sensorial. Especialmente pensando em como as coleções de

⁴ O Trabalho de Conclusão de Curso referente ao projeto do “Machado Místico” foi realizado em 2023 e está disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/31691?locale-attribute=en>.

⁵ *Wikisource* é um projeto colaborativo que disponibiliza obras de acesso e uso livre, que tenham valor histórico cultural.

contos do autor não recebem a mesma atenção gráfica que seus romances e entendendo que, esse tipo de obra, com esmero gráfico e que proporciona novas maneiras de ler – modelo que também pode ser adaptado para outros títulos –, pode trazer algo novo ao mercado que incentive a leitura.

MERCADO EDITORIAL E BIBLIODIVERSIDADE

Quando falamos da indústria do livro, falamos de um campo editorial, no qual cada editora ocupa uma posição e toma decisões a depender dos recursos que têm à disposição e do que esses recursos permitem a elas (Bourdieu, 2018). Thompson, apropriando-se dos conceitos de Bourdieu, aponta também como esses recursos, ou “capitais”, são de grande importância na determinação da posição social da empresa, sendo os mais relevantes, os capitais “econômico” e o “simbólico”, que dizem respeito aos recursos financeiros e o prestígio acumulado, respectivamente (Thompson, 2013).

Com isso, pode-se inferir como a publicação de textos de Machado de Assis pode ser vantajosa para uma editora, uma vez que o recurso financeiro necessário para obter as obras é mínimo e o possível retorno é favorável – pois o autor apresenta uma possibilidade de vendas contínuas ao longo dos anos por ser um clássico –, e que há um possível prestígio acarretado pela sua relevância. Pelos mesmos motivos, pode-se observar uma enorme quantidade de publicações da obra de Machado. Nota-se, entretanto, uma certa homogeneização em alguns pontos, especialmente quanto às coleções de contos do autor, com alguns livros com investimento gráfico baixo e, em geral, pouca diversidade material para além dos padrões da indústria.

Entende-se que é mais economicamente vantajoso para uma editora seguir um “padrão” de publicação em relação aos aspectos materiais, utilizar o tipo e tamanho de papel mais facilmente disponível, o método de impressão mais barato, as técnicas de montagem mais práticas, etc. No mesmo sentido, quanto aos elementos do projeto gráfico, como criação da capa, composição do texto e impressão, as editoras muitas vezes terceirizam esses processos (Thompson, 2021). Este tipo de produção se alinha a um modelo comercial, de ciclo curto, e tem como foco a minimização de riscos, um ajuste a uma demanda prévia e o recebimento dos lucros de modo rápido (Bourdieu, 1996). Isso não significa que o resultado final não pode ser graficamente interessante,

apenas que outras possibilidades, que podem ser menos financeiramente otimizadas, mas criativamente instigantes, são dificultadas.

Entretanto, existem, também, editoras que trabalham em um outro sentido, oferecendo maior atenção à composição gráfica das obras. Editoras de pequeno e médio porte, ou aquelas ditas independentes, tendem a funcionar a partir de um modelo simbólico, de ciclo de produção longo (Bourdieu, 1996). Indo em direção oposta à terceirização, estas editoras podem ter o trabalho gráfico centralizado em poucos agentes ou, até mesmo, em apenas um, de modo que estes processos podem receber maior atenção (Depexe, 2023). Deste modo, os processos gráficos podem ser desenvolvidos de maneira mais criativa e exploratória.

Nesse sentido, a Aliança Internacional dos Editores Independentes (2014) destaca o papel das editoras independentes como agentes da bibliodiversidade, justamente por tomar riscos financeiros, mas também por debater ideias, instigar a criticidade dos leitores e principalmente, por serem editores de criação que realizam escolhas editoriais, muitas vezes, inovadoras.

Nessa perspectiva, frisa-se que essas decisões inovadoras e visões diferentes para a produção de livros podem ser benéficas para o ecossistema editorial. Isso tem relação com a bibliodiversidade. Este conceito diz respeito à “diversidade cultural aplicada ao mundo do livro. Ecoando com a biodiversidade, ela refere-se à necessária diversidade da produção editorial disponibilizada aos leitores” (Aliança Internacional dos Editores Independentes, 2014, p.4). Assim, o termo tem relação com a biodiversidade, mas aplicada ao mundo do livro.

É importante salientar que essa diversidade engloba tanto a pluralidade das obras no sentido da escrita e das vozes que a realizam, como também os modos de leituras e os tipos de suportes (Mihal, 2013). Para o trabalho de Mihal, Szpilbarg e Ribeiro (2021, p. 4), a bibliodiversidade “não toca apenas a diversidade cultural dos livros, mas também a presença de diferentes objetos, eventos culturais, formas de leitura e materiais editoriais que possibilitam a amplitude e a diversidade de imaginários”. Assim, consideramos que o aspecto gráfico e material do livro, a partir de um entendimento de que são elementos que propiciam materiais editoriais diferenciados e têm a capacidade de alterar a experiência de leitura, são componentes que influem na bibliodiversidade.

Quando falamos de editoras independentes e publicações experimentais, geralmente pressupõe-se pequenas tiragens e, em consequência, um pequeno alcance. Entretanto, a bibliodiversidade não está atrelada, necessariamente, a maior distribuição de exemplares possível, visto que ela “não é medida somente em número de títulos disponíveis” (Aliança Internacional dos Editores Independentes, 2014, p. 4), mas fortifica-se com a publicação de obras que abrangem diferentes vozes, temas, públicos e até meios de produção diferentes – podendo, assim, trazer outras visões que destacam-se do discurso padronizado (Aliança Internacional dos Editores Independentes, 2014). Ressalta-se que, muitas vezes, a pequena tiragem que uma editora realizará é a única oportunidade que uma obra tem de estar em circulação e, portanto, consideramos que, mesmo que não atinja um grande público, este ainda é um impacto valioso.

Mihal, Szpilbarg e Ribeiro (2021) ainda apontam como o conceito de bibliodiversidade está atrelado aos direitos culturais e sociais. Essa pauta tem, inclusive, sido levantada por organismos internacionais, como a Aliança Internacional dos Editores Independentes, mas também pela UNESCO, que propõem a inclusão da bibliodiversidade como uma questão importante para a indústria editorial (Mihal, 2013).

Assim, ao falar sobre bibliodiversidade, e entendendo, então, a sua relevância, é essencial comentar sobre as dificuldades do mercado editorial brasileiro, que atrapalham a efetividade deste conceito. Os problemas não são novos, mas eles se agravam com a tomada do mercado pela Amazon, que chegou a controlar 60% do mercado de livros em 2020, com uma política agressiva de engolir a concorrência (Prado, 2021) e oferecendo descontos abusivos que, segundo Dante Cid, presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), prejudicam gravemente as pequenas livrarias do país (Publishnews, 2023).

Um projeto importante atualmente, visando combater esse problema é a Lei Cortez, (PLS 49/2015) que busca determinar que o preço do livro seja mantido pelo prazo de um ano com um limite percentual para desconto (Publishnews, 2023). Entretanto, Nicolas Georges, na época diretor adjunto do Ministério da Cultura Francês, no simpósio “Por uma Lei da Bibliodiversidade”, em 2021, ao comentar sobre a aplicação da Lei do Preço Fixo no seu país (Lei Lang), destaca que esta questão vai além, pois para que os livros sejam produzidos, também é preciso que sejam lidos. Entram aqui, então, questões de como incentivar a leitura, algo que não é abarcado pela lei. O

Ministro também destaca que “os editores e livreiros só podem sobreviver se reinventando” (Instituto de Estudos Avançados da USP, 2021).

Nesse sentido, entendemos que o projeto gráfico atrativo é uma maneira de atingir novos leitores, afinal é através do exterior deste objeto, das sensações que ele oferece, do que é inicialmente visível, que se dá o desencadeamento da leitura (Goulart, 2014).

O livro, segundo a autora [MARTINS, 1986], torna-se um atrativo por possibilitar uma exploração concreta – sua forma, imagens, textura, cores, configuração, capa, disposição do título, tipo de letra, facilidade de manuseio –, bem como por conter um enigma que instiga a curiosidade e por se revelar, assim, um ato desafiador, favorecendo a constituição de uma relação consistente (Goulart, 2014, p. 15).

Dessa forma, em concordância com isso, acreditamos que uma produção criativa de um ponto de vista gráfico e material – se diferenciando do padrão da indústria – pode ser um caminho significativo no fomento à bibliodiversidade.

Publicações existentes no mercado

Ao realizar pesquisas buscando por diferentes edições de obras de Machado e, mais especificamente, as coleções de contos do autor, é possível encontrar um grande número de publicações e uma grande variação nos projetos editoriais. Vale destacar como existem obras que reeditam as coletâneas originais do autor⁶ e também coleções novas, que compilam os contos de outras maneiras.

Quanto ao aspecto gráfico especificamente, as coleções de contos de Assis, diferente de seus romances – com maior possibilidade de possuírem projetos gráficos mais incrementados –, tendem a seguir um padrão mais simples. Fato interessante, principalmente quando nota-se que, muitas vezes, os contos de Machado são o contato inicial dos leitores com a obra do autor, nas escolas, principalmente.

Existem obras mais desenvolvidas, com capas que trazem ilustrações originais – ou mesmo tipográficas, mas com composições e paletas de cores chamativas. Entretanto, diversas edições possuem capas apenas tipográficas, com uma foto de Machado ou outra imagem de uma cena ou cenário antigo, sem ilustrações internas ou outros elementos gráficos que complementem o texto – a menos que sejam histórias adaptadas

⁶ Novas edições de “Várias Histórias”, “Papéis Recolhidos”, “Contos Fluminenses”, etc.

para quadrinhos, por exemplo. Em muitos dos casos, a estética remete a um tempo passado, à época do autor. Alguns exemplos dos casos mencionados podem ser observados na Figura 1.

Figura 1 - Exemplos de capas de edições de coleções de contos de Machado de Assis



Fonte: Editoras Martin Claret, Moderna, Companhia das Letras, Melhoramentos, Malê, L&PM, Ática e Nova Fronteira, respectivamente. Organizado pelas autoras (2024).

Entretanto, mesmo nas edições mais atraentes, essas obras, em geral, não exploram o aspecto da materialidade: utilizando formatos, tamanhos e papéis regulares para o mercado, capas de brochura, papel cartão ou capa dura para obras de “luxo” e não oferecem elementos para o leitor manusear – para além do aspecto tátil que é inerente ao livro físico.

Vale destacar o cenário de publicação dos contos “A Cartomante” e “O Oráculo”, visto serem as histórias escolhidas para comporem o projeto do “Machado Místico”, que será descrito posteriormente.

“A Cartomante” é um dos contos mais famosos de Machado de Assis. Foi publicado originalmente na Gazeta de Notícias em 1884 e, posteriormente, publicado na coleção *Várias Histórias*, de 1896 (Vieira, 2022). Hoje, o conto pode ser encontrado em diversas reedições desta mesma coleção, além de outros compilados que inclusive dão protagonismo para a história em seus títulos, como “A Cartomante e outros contos”⁷. “O Oráculo”, por outro lado, não possui a mesma fama. Publicado pelo autor originalmente com o pseudônimo “Max”, em 1866, no *Jornal Das Famílias* (Vieira, 2022), o conto não foi selecionado para compor nenhuma das coletâneas de contos publicadas durante a vida de Assis. Posteriormente, o texto foi publicado em outras coleções, que fazem outras combinações dos contos do autor, entretanto, continua não sendo muito conhecido e comentado.

Sabemos que os contos do autor são compilados, hoje, de maneira diferente das publicações originais, porém tendem a seguir uma linha de juntar “os melhores” ou “todos” os seus contos. Assim, além de ser interessante pensar na produção gráfica de maneira mais criativa, também é instigante fazê-lo no processo de curadoria dos textos.

Percebe-se, nesse cenário, uma lacuna no mercado editorial para projetos que abordem os contos de Machado de Assis com uma maior inventividade gráfica e um novo olhar. Consequentemente, aponta-se também que, potencialmente, existe um público interessado tanto por obras clássicas quanto por livros experimentais e graficamente interessantes, que não está sendo atendido.

A PROPOSTA DO MACHADO MÍSTICO

Em contraponto a este cenário das publicações dos contos de Machado de Assis, propôs-se o “Machado Místico”, um livro-objeto que retrata os contos “A Cartomante” e “O Oráculo” de uma maneira única. Nesta obra, o projeto gráfico foi o ponto principal, explorando aspectos visuais e materiais articulados pela temática, de modo a instigar o senso estético e chamar a atenção dos leitores, proporcionar o manuseio e a real experiência tátil do livro e testar as possibilidades materiais da obra com insumos e inserções criativas.

⁷ Existem edições desta coleção publicadas por editoras como: Escala, Moderna e Lafonte.

Os contos foram selecionados devido a temática similar das histórias, que lidam com o esotérico. Assim, o livro vincula essa temática a todo o seu projeto gráfico, trazendo elementos de surpresa e recursos que precisam ser descobertos – assim como o sobrenatural não é algo comum e facilmente visto –, que atuam na incitação do desencadeamento da leitura (Goulart, 2014). Incorpora também, complementando o projeto gráfico, a cor roxa que remete ao místico e ícones que aludem ao mágico, como cartas de tarot, bolas de cristal, estrelas e brilhos.

Fazendo referência às cartas de tarot, o livro é carregado dentro de um box que se assemelha a caixas de baralhos, que abre no mesmo sentido deste tipo de objeto. Ao manusear a embalagem o leitor depara-se com sua primeira surpresa: a cor viva do interior da peça que contrasta com a cor mais sóbria do exterior (Figura 2). Continuando, então, ao longo da obra, outros elementos também desempenham esse fator de surpresa como um papel vegetal ou portas recortadas nas páginas que a princípio escondem parte do texto e depois o revelam.

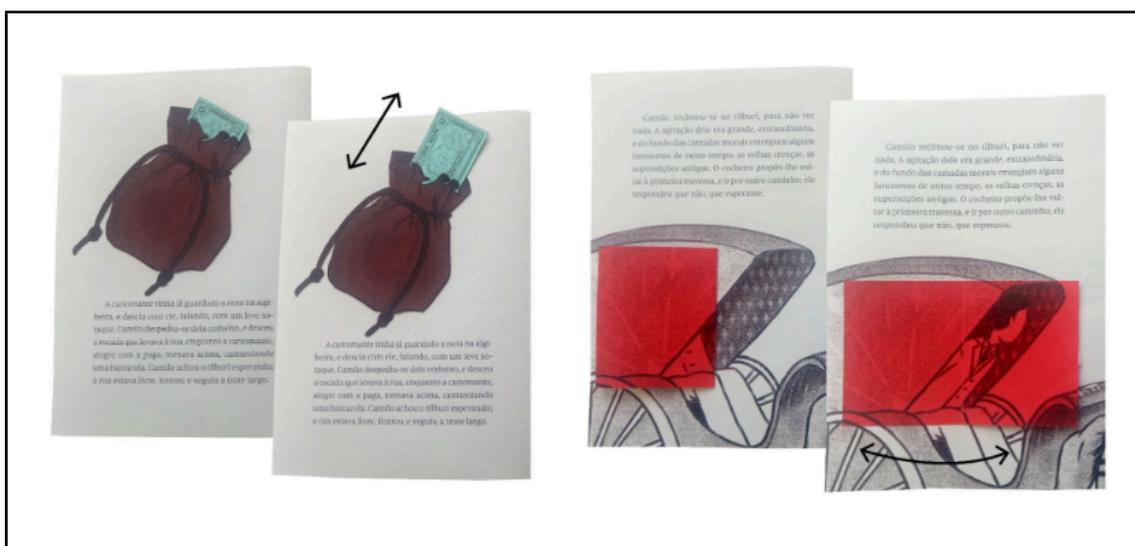
Figura 2 - Box e livro, abertos e fechados



Fonte: Autoria própria (2023)

Existem outros elementos interativos que o leitor pode manusear, como uma algibeira e o dinheiro que está dentro dela, um bilhete que se pode abrir e fechar e pequenos livretos que alteram as ilustrações da página (Figura 3). Além disso, o livro também conta com dezenas de ilustrações, papéis coloridos e de diferentes tamanhos, recortes e rasgos que adicionam à experiência.

Figura 3 - Representação de dois elementos manuseáveis presentes no livro



Fonte: autoria própria (2024)

Ainda, o próprio formato do livro, que é similar ao códice, porém com cada conto costurado “de cabeça para baixo” em relação ao outro, acaba alterando o fluxo de leitura e, dessa maneira, exigindo maior atenção do leitor e um manuseio diferente do produto. Essa configuração foi pensada para desafiar os hábitos de leitura, pois, como destaca Climent-Espino (2020), um aspecto valioso do livro-objeto é como sua plasticidade propõe leituras multidirecionais e dinâmicas, exigindo que o leitor, muitas vezes, busque outras maneiras de ler.

Este livro se coloca, portanto, como um objeto literário criativo e esteticamente elaborado constituindo-se como artefato que altera a experiência da leitura, traz novas possibilidades de interpretação e, dessa forma, instiga a criatividade e a elaboração de ideias, pois, considera-se que ao adicionar sentido aos componentes gráficos, instiga-se o pensamento do leitor, que possui mais elementos com os quais construir significado.

Além disso, ao oferecer uma experiência tátil, estimula a participação do leitor na obra e, como colocado, ao ser esteticamente atrativo tem a potencialidade de incitar a leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, então, como o “Machado Místico” diferencia-se de outras coleções de contos de Machado de Assis que se encontram à disposição no mercado editorial. O projeto gráfico desta obra abrange aspectos que não são comuns nas representações da obra do autor, tanto em seu aspecto visual, por ser mais irreverente, quanto no material, por ser interativo e bastante tátil. A obra foca na experiência, que pode ser única para cada leitor, e instiga a leitura, assim como outras percepções dessa prática. Além disso, os contos também são compilados de uma maneira inédita ao focar na temática mística das histórias. Deste modo, também é significativo conceber como estes dois mundos podem interagir, em uma publicação que aborde o clássico e também seja experimental.

Vale destacar que, quando falamos na inovação do objeto do livro, o intuito não é na inovação para o mercado, na criação de um produto com foco nas vendas e no lucro. Em concordância com a Aliança Internacional dos Editores Independentes, aponta-se que o ponto central é o intuito de, de fato, buscar alternativas, trazer ao público algo novo de maneira que se possa disseminar a percepção de que existem outras possibilidades e, dessa forma, instigar novas ideias e com isso, agir em prol da bibliodiversidade.

Vale ressaltar novamente como a bibliodiversidade é essencial e sua promoção “emerge como uma tarefa fundamental, visto que não adotar ações efetivas para estimular a pluralidade no mercado editorial priva a sociedade de acesso equitativo ao conhecimento e à expressão cultural” (Jesus; Blotta, 2023, p. 4). Dessa forma, tendo em mente como este conceito pode ser construído em diversos níveis, entendemos que essa nova proposta para um livro de contos de Machado de Assis, ao ter o potencial para provocar a leitura a partir do aspecto gráfico e material (Goulart, 2014), pode ser uma proposta de promoção da bibliodiversidade. Por fim, consideramos ainda que poder pensar a editoração de uma maneira mais livre, buscando inovações, configura-se como ação positiva para esse ecossistema.

REFERÊNCIAS

- ALIANÇA INTERNACIONAL DOS EDITORES INDEPENDENTES. **Declaração Internacional dos Editores e Editoras Independentes 2014**, Para Manter Viva e Fortalecer Juntos a Bibliodiversidade. 2014. Disponível em: https://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/declaracao_internacional_dos_editores_e_editoras_independentes_2014_brazil.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.
- BRASIL. Lei Nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998. **Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm. Acesso em: 8 jun. 2024.
- CLIMENT-ESPINO, Rafael. Object-Books and Exposed Writings: New Textual and Literary Landscapes in Latin America and Spain. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/nDtQTMpYRjwzrTGdcPsS4t/?lang=en>. Acesso em: 28 set. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. 1996. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOURDIEU, Pierre. Uma revolução conservadora na edição - Tradução Luciana Salgado e José Muniz Jr. **Revista Política & Sociedade** Florianópolis, v. 17, nº 39, mai./ago. de 2018. Pgs 198 -249. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2017v17n39p198>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- DEPEXE, Sandra. Design editorial como potencial criativo de editoras independentes brasileiras. In: 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia - Seminário de Artes Digitais 2023, 2023, Belo Horizonte. **Anais do Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia - Seminário de Artes Digitais**. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2023. p. 1-11.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Entre a materialidade do livro e a interatividade do leitor: práticas de leitura. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v.12, n.2, mai./ago. de 2014. p 5-19. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1611/pdf_59. Acesso em: 28 set. 2024.
- INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP. **Por uma Lei da Bibliodiversidade - Parte 1 de 6**. YouTube. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YVDgUiZUSWk>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- JESUS, Thaís. C. A. de; BLOTTA, Vitor. S. L. Bibliodiversidade e políticas públicas nacionais do livro e da leitura: uma breve análise exploratória. In; **46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, 2023, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos [...]**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202322114264dd73ceecb9e.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.
- MIHAL, Ivana. Actores y procesos en la gestión de la Bibliodiversidad. **Revista Alteridades**, n. 45, 2013, p. 123-136. Disponível em: <http://bit.ly/3qTUxLy>. Acesso em: 01 ago. 2024.

MIHAL, Ivana; SZPILBARG, Daniela; RIBEIRO, Ana Elisa. Livros para infâncias diversas: onze casos de editoras independentes da Argentina e do Brasil. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 62, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/RrDgPrMchWHMC7KkPGMKx3S/?lang=pt#>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PRADO, Samantha. Mercado dos livros asfixiado no Brasil. **Le Monde Diplomatique**, 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/mercado-dos-livros-asfixiado-no-brasil/>. Acesso em: 24 nov. 2023.

PUBLISHNEWS. Audiência pública sobre Lei Cortez no Senado indica consenso entre setor do livro e classe política. **PublishNews**. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/Dhl9>. Acesso em: 21 jun. 2024.

VIEIRA, Joyce Pereira. “**O Oráculo**” (1866) e “**A Cartomante**” (1884) de Machado de Assis: **logro, engano e a tradição clássica**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, p. 121. 2022.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura**: o mercado editorial no século XXI. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

THOMPSON, John B. **As guerras do livro**: a revolução digital no mundo editorial. São Paulo: Editora Unesp, 2021.